Os signos dos discursos

Jairo Gerbase

Amor, desejo e gozo são signos dos discursos que andam juntos. Há um salmo de Lacan que indica isso, vamos analisá-lo de perto: o gozo do Outro, do Outro com Ⱥ maiúsculo, do corpo do Outro que o simboliza, não é signo do amor. E, segundo o próprio Lacan, para dizer isso, inspirou-se no salmo de Rimbaud.[1]

Trata-se de um poema para ser cantado e, no caso de Rimbaud, aplica-se bem à palavra salmo, em lugar de o poema de Rimbaud – *A Uma Razão* – que se decompõe nesse versículo *Um novo amor*, e aí, nesse salmo, o amor é o signo de que se troca de razão, que Lacan traduziu à sua maneira por o signo de que se muda de discurso.

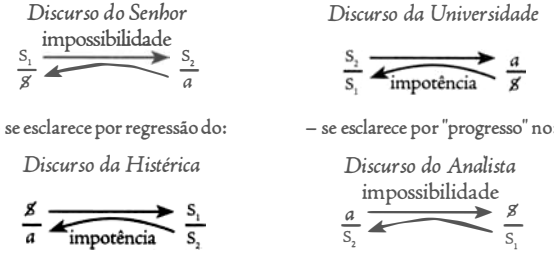
Quebramos a cabeça para entender em que sentido o amor é o signo de que se muda de razão. Primeiramente, poderíamos dizer que um sujeito enamorado, apaixonado, muda de razão, ou como diz o senso comum, perde a razão; não é o mesmo depois de uma paixão.

Digamos ser esse o primeiro sentido da frase, e a ele chamamos de imaginário. O laço entre duas pessoas, porém, tomaria outro sentido, o simbólico, ou seja, a relação do amor ao saber, também chamado de laço social, o qual Freud designou de transferência. Desse modo, *o amor é o signo de que se muda de razão* pode querer dizer que a transferência é o signo de que se muda de discurso.

Isso tudo Lacan usou para dizer que o discurso do mestre se esclarece por regressão do discurso da histérica e o discurso da universidade se esclarece pelo progresso no discurso do analista. Não se deve entendê-lo na dimensão do sentido, mas na dimensão do matema, da formalização matemática. Basta olhar os matemas dos discursos abaixo e seguir os giros de um discurso ao outro, no sentido levogiro ou dextrogiro, para entender como se passa de um discurso ao outro, por progresso ou regressão. Justifica-se, portanto, esse verso de Rimbaud, dizendo que o amor ao

[1] LACAN, J. *Seminário 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 26. O poema em prosa de Arthur Rimbaud, "A uma razão", é também citado por Lacan no Seminário "O ato psicanalítico" de 10 de janeiro de 1968. Inédito.

saber, ou seja, a transferência é o signo de mudança de discurso.



amor

Gostaríamos de declinar os signos do amor.

Primeiro, o amor é recíproco. É um sentimento que, como tal, mente. Não é preciso levar isso muito a sério, pois é apenas um jogo de palavras com a palavra francesa *le sentiment*, de cuja homofonia Lacan se aproveitou para dizer *le senti ment*. O amor é também ignorância do desejo, porque o desejo é do Outro, e jamais acreditamos que o desejo seja do sujeito. Ainda podemos observar que o amor é a causa de todas as devastações, dos desencontros.

Segundo, o amor é demanda. A tentativa de suprir a falta no Outro condiciona a demanda como demanda de amor. A demanda é sempre demanda de amor, pois o amor demanda o amor. Por isso a resposta do gozo do corpo do Outro não é o amor.

Terceiro, o amor é amuro.[2] Temos aí novamente um jogo de palavras que Lacan encontra na língua francesa entre *l´amur* e *l´amour*. O amuro são os signos bizarros dos caracteres sexuais dos genes determinantes dos caracteres sexuais secundários do corpo. Somos levados a pensar que o gozo do corpo depende dos caracteres sexuais secundários. Há todo esse boato da puberdade e da pulsão genital, porque, de fato, os caracteres sexuais secundários fazem do gozo um gozo sexuado, mas o gozo do ser é o gozo do corpo como assexuado. Talvez tenhamos de esclarecer em que sentido. O gozo sexual é assexuado por ser marcado pela impossibilidade de estabelecer o Um da relação sexual. Sempre que perguntamos: "você o ama?", o sujeito não sabe a resposta, na melhor das hipóteses diz "acho que sim", porque o amor, Eros,

[2] *Ibid*. p. 13.

é união, intenção de, de dois fazer Um, ideal proposto há muito tempo por um poeta grego cômico, Aristófanes, em "As nuvens". Aliás, ele chegou atrasado ao *Banquete* de Platão por estar encenando essa peça. O amor está na contramão da experiência psicanalítica.[3]

Em psicanálise não se trata do amor, mas do desejo que mostra a falta [-φ] e do gozo que faz Um, porque há Um. Esse Um é o significante, S_1; detrás dele se esconde o gozo. Gozar de um corpo sem as roupas, isto é, do corpo de outra pessoa, não toca na questão do que faz o Um, na questão da identificação. Então, temos estes dois conceitos concorrentes na experiência psicanalítica: o amor e a identificação.

Vale lembrar que existe uma tradição na psicanálise de que a experiência depende inicialmente de uma falta básica, o amor da mãe; mas, quando recorremos ao texto de Freud sobre a identificação[4], ele diz que a experiência depende de um primeiro laço social, a identificação ao pai; e isso pode levar-nos a concluir que o conceito de identificação ao pai explica melhor o sintoma do que a carência do amor da mãe. Isso quer dizer que, tomar emprestado um traço do Outro, explica melhor o sentido do sintoma do que a falta de amor do outro.

Quarto, o amor é narcísico. Não existe amor objetal. Existe desejo, ou pior, causa de desejo, que se confunde com o amor objetal. De fato, o objeto é causa de desejo, mas tomamo-lo como objeto de amor. A causa do desejo, isto é, a, o corpo do Outro, é arrimo de sua insatisfação, talvez de sua impossibilidade. Quer dizer, o fato de que nunca o alcançaremos faz dele o esteio da insatisfação.

Quinto, o amor é impotência porque ignora que é apenas desejo de ser Uno, Eros, o que une, o que faz união, ignora que ser Um é impossível de acontecer, ignora que, se isso acontecesse, existiria a relação sexual, ou seja, seria possível fazer os dois sexos existirem.

Sexto, o amor é fálico, gira em torno do gozo fálico, mas o gozo d' A Mulher é não-todo fálico, e isso faz com que o falo seja a objeção da consciência, ou seja, é o obstáculo de o homem chegar a gozar do corpo da mulher porque ele goza do órgão.

Sétimo, o amor é cômico; um homem ama quando é uma mulher, isto é, quando aspira por seu objeto, e deseja quando é

[3] *Ibid.*

[4] FREUD, S. Identificação. Psicologia de grupo e a análise do ego. (1921). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas.* Rio de Janeiro: Imago. 1976. v. XVIII. p. 133.

um homem, ou seja, quando se suporta da ereção,[5] sem a qual não há amor, pois o verdadeiro problema da relação sexual dos corpos é a chamada função erétil.

[5] LACAN, J. Une pratique de bavardage. *ORNICAR?* 19. Paris: Navarin. 1979. p. 9.

desejo

Há uma perspectiva da análise definidora da ética da psicanálise desta maneira: não ceder de seu desejo. Logo, praticamos a análise com a utopia de que o sujeito deve conhecer, deve saber dizer bem seu desejo e, portanto não deve abrir mão dele.

Trata-se de idéia que gostaria de questionar, porque a psicanálise não admite a normalidade. A idéia de conhecer seu desejo, de ordená-lo, de comandá-lo a partir do princípio do prazer, do princípio de sofrer o menos possível é utópica.

Não ceder de seu desejo é impossível porque seu desejo pode ser um desejo perverso. Não há garantia de que seu desejo aponte sempre para a mediania, no sentido de Aristóteles. Aristóteles diz existir o covarde e o destemido e que o meio-termo é ser corajoso. Mas nós não podemos raciocinar da mesma maneira, dizer que o sujeito do inconsciente deve alcançar a mediania, nem ter o desejo perverso de mais nem de menos, que ele deve encontrar a boa medida de seu desejo e não ceder dele.

Afinal temos o caso de Antígona que queria enterrar a todo custo seu irmão e, fazendo-o, estaria contrariando uma lei do Estado. Isso estabelece uma querela interessante.

Queríamos dizer que o desejo, no sentido usado em psicanálise, também não é a concupiscência. Dizemos que uma mulher grávida deseja sapoti e, nesse caso, sapoti é um complemento do desejo, alguma coisa para satisfazer o seu desejo.

O que pode ser satisfeito são necessidades. O desejo não pode ser satisfeito. O desejo é sempre insatisfeito. O uso psicanalítico do desejo, portanto, não é complementar, não visa ao objeto que possa realizar o desejo. Como uma necessidade, tal como a sede, que o objeto água pode satisfazer.

O conceito de desejo em psicanálise não é bem assim. Ele é, segundo os termos de Freud, chamado de recalcado primário. O sonho, por exemplo, quer exprimir um desejo inconsciente que está recalcado. O desejo definido dessa maneira é como o horizonte. É inalcançável, inatingível. Funciona como causa, não

como complemento. Empurra, instiga a alcançá-lo, mas não se deixar tanger. O desejo é causa, instiga a procurar o objeto, o que corresponde a uma definição clássica da pulsão: a pulsão é buscadora de objeto, mas não há a possibilidade de encontrar o objeto que venha satisfazê-la.

Dessa forma, do ponto de vista psicanalítico, há o objeto do desejo que escrevemos assim: *a* minúsculo, causa do desejo, autorizando-nos, então, a dizer que não ceder de seu desejo significa procurar o seu desejo, correr atrás dele. É isso que o objeto *a* promete; oferece-se como objeto de satisfação do desejo, entretanto não o satisfaz. Assim, o sujeito do inconsciente está condenado a ir atrás de seu desejo, mas a cada passo dado o desejo se desloca. Por isso dizemos ser metonímico o desejo, pois desliza incessantemente.

Não ceder de seu desejo, então, é não ceder da procura do objeto que possa satisfazê-lo. Não quer dizer não ceda de sua concupiscência, não ceda de sua perversão.

Entendemos que não ceder de seu desejo é realizá-lo, conforme diz Freud a respeito dos sonhos: um sonho é uma realização de um desejo. Realizar um desejo é imaginá-lo como sentido, quer dizer, em uma expressão corriqueira, "cair a ficha". Realizar um desejo não é satisfazer uma concupiscência, fazer um ato, mas "cair a ficha", imaginar como sentido. Diz Lacan que quem melhor expressa o que é realizar é a língua inglesa. *To realize* quer dizer imaginar como sentido, "cair a ficha".

Wunsch não é concupiscência, mas meta, horizonte. No sonho se realiza um desejo inconsciente, quer dizer, "cai a ficha". Então, não ceder de seu desejo é interpretá-lo. A importância do desejo para a teoria psicanalítica é que o desejo só mostra a falta [-φ].

gozo

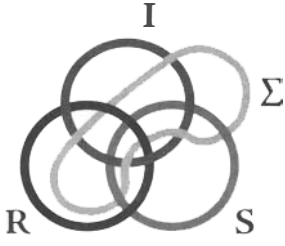
Na ética da psicanálise, o gozo é sempre tratado negativamente. É visto como uma vantagem que o sujeito obtém do sintoma. Queríamos tratar o gozo positivamente, afirmando que o sujeito faz uso muito seriamente, eticamente, do gozo do sintoma.

Esta questão é importante, porque o gozo do sintoma aca-

bou fundando uma especialidade médica: a medicina do trabalho, que se ocupa em controlar a vantagem secundária do sintoma. A esse nível temos chamado de GSS, gozo secundário do sintoma, pois na atualidade muito se usam as siglas. Embora em nossa experiência o que importa é o que chamamos de GPS, gozo primário do sintoma, denominado por Freud de CE, Complexo de Édipo, e Lacan, por sua vez, denominou de RSI, Relação Sexual Impossível.

A ênfase dada ao gozo como vantagem secundária do sintoma tornou-o algo indesejável e o desejo, desculpem a redundância, algo desejável. Tal ênfase nega a divisão subjetiva, e faz do gozo um afeto negativo a eliminar. Assim, vamos mostrando ao longo do trabalho: o objeto do desejo é o mesmo objeto do gozo, inacessível em ambos os casos. E não poderíamos, portanto, criar uma lógica positiva para o objeto causa do desejo: esse objeto seria desejável, e uma lógica negativa para o objeto mais-de-gozar, esse objeto seria indesejável.

Em primeiro lugar, devemos dizer que o sintoma é um recurso à altura do olhar, objeto por excelência do imaginário, e da voz, o objeto por excelência do simbólico. Portanto, o sintoma é um recurso à altura do imaginário e do simbólico, para dar conta da nossa ignorância diante do real. Feita esta elevação do sintoma à dignidade dos outros registros, estabelecemos o gozo do sintoma numa posição ética.



Tal como afirmamos, de acordo com o *Seminário da ética*,[6] o sujeito não deve abrir mão, não deve ceder de seu desejo, no sentido de que está condenado a procurá-lo sem cessar. Gostaríamos de propor que o sujeito também não deve abrir mão, não deve ceder de seu gozo, também no sentido de estar condenado a usufruir dele.

[6] LACAN, J. *Seminário 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986. p. 382.

O objeto do desejo, escrevemos com a letra *a* minúscula e denominamos de objeto causa do desejo. Esse mesmo objeto também pode ser nomeado de objeto mais-de-gozar, de objeto do gozo.

Queríamos, desse modo, resgatar o gozo como uma posição ética. O direito diz que o gozo da terra é a coisa mais importante para o homem. Ele seria capaz de ceder sua mulher, mas não sua terra. Trata-se um princípio marxista, o princípio da propriedade privada, o bem supremo do homem, ou seja, o elemento gerador da acumulação capitalista e a mais-valia.

Mas Freud tem outra idéia do que seja o soberano bem, é a definição de ética seguida e aceita desde Aristóteles, desde *a ética a Nicomano e Eudemo:* o homem deve perseguir o bem supremo, definido por Lacan como aquilo pelo que se faria a sublimação, que é o corpo do Outro.

Não ceder do seu gozo é uma posição ética. Podemos reconhecer que o analisando obtém um gozo primário do sintoma [GPS] e aceitar isso como uma posição ética, um direito. Podemos pensar em trabalhar para lhe oferecer a chance de trocar o gozo de seu sintoma por alguma coisa menos onerosa, porém não devemos tratar o gozo como indesejável, negativo, como habitualmente fazemos.

Utilizando-nos desse modelo do soberano bem, costumamos tomar uma posição maniqueísta ao ver no desejo um bem a alcançar e, no gozo, um mal a abandonar. Não ceder de seu gozo é uma posição ética porque o bem supremo é o gozo do corpo do Outro, é o mais-de-gozar.

A expressão - o corpo do Outro - que estamos tentando interpretar, o gozo do Outro, do corpo do outro que o simboliza, não é signo do amor se presta a muitos equívocos. Em primeiro lugar, porque o corpo aí não é o indivíduo. Em segundo lugar, porque o Outro não é a outra pessoa, o semelhante. Logo, não estamos nos apoiando em algum conceito de corpo da biologia, nem no conceito de pessoa da psicologia.

Precisamos abordar esse enunciado como pertencendo à categoria do sujeito do inconsciente em sua relação ao real. Então o que é esse corpo e o que é esse Outro? Se formos definir o corpo do Outro com nossa álgebra, escreveremos a relação de a minúscula com A maiúscula.

Nosso universo simbólico permite-nos dizer que há sujeito do inconsciente porque há o *falasser*. Se o homem não fosse falante não haveria inconsciente. Portanto, ser falante é condição do inconsciente. E nos leva, por exemplo, a esquecer, reprimir, fazer elipse.

O mais elegante exemplo de elipse pode ser colhido em Lewis Carroll: "Toque a campainha, também".[7] Devo bater à porta? Está presente-ausente a frase "bata à porta". O inconsciente está elidido, recalcado, suprimido, quando se está no universo simbólico.

[7] CARROLL, L. *Uma história embrulhada*. São Paulo: Papirus. 1992. p. 17.

O Outro é esse lugar onde supostamente localiza-se o elidido; onde se encontra "bata à porta". Em termos de Freud, no inconsciente. Em termos de Lacan, no Outro. Podemos formular uma frase na qual se recalca outra. O Outro é, então, outro lugar, outra cena, não outra pessoa.

Por isso, ao encontrarmos como exemplo do Outro, a Mãe, entendemos ser um lugar não como uma pessoa. Enfim, o Outro é o Outro da linguagem. Tal como no exemplo de Carroll, está na elipse, é o elidido.

O Outro é, portanto, um recurso da linguagem, do significante. É o universo simbólico. O universo específico do *falasser*. E é lamentável que não sejamos todos falantes, porque o mundo seria como nas fábulas de Andersen. O fato de ser falante condena o sujeito a formular as coisas de maneira a constituir um lugar chamado de Outro.

Tratar aqui do corpo como objeto a minúsculo, não é tratar do corpo enquanto consistência material e sim como consistência lógica. Aproximamo-nos de Freud para afirmar que o objeto a é o corpo, para entender a frase o corpo do Outro. Se tomarmos, por exemplo, os objetos da pulsão de Freud, seio e fezes, e que Lacan formalizou como os objetos da demanda, e o olhar e a voz, objetos do desejo e do gozo, respectivamente do imaginário e do simbólico, poderíamos dizer que o corpo de que aqui se está tratando é um olhar ou uma voz.

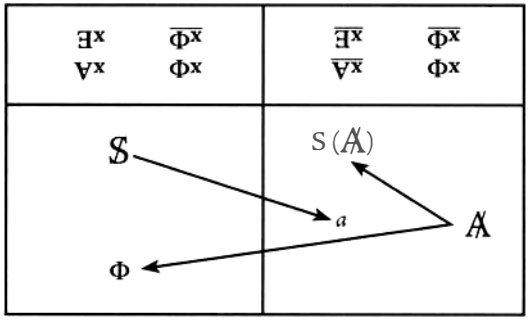
São aproximações porque nem mesmo estes objetos da pulsão de Freud são o objeto *a* de Lacan, dado que se poderia encontrar alguma consistência imaginária mesmo para o olhar e a voz, como a imagem e o significante, enquanto que na verdade estamos falando do corpo do Outro como alguma coisa que só

tem consistência lógica, isto é, alguma coisa que se pode conceber, mas que não pode ser tangido.

Talvez, o único exemplar do objeto a seja a voz que fala ao sujeito alucinado, a voz da alucinação, a voz áfona, não registrável por nenhum meio ou objeto sonoros nem ultra-sonoros, a voz sem o significante, sem a imagem acústica (no sentido de Saussure), pelo menos para o ouvinte, dado que o falante alucinado a ouve, ou seja, para ele a voz é um significante sonoro e acústico.

Então, a frase - gozar do corpo do Outro - quer indicar que o sujeito [$\mathcal{S}$] em sua relação ao Outro [$\mathbb{A}$] (que corresponde ao inconsciente enquanto recalcado originário), quer indicar que na dimensão do inconsciente, gozar do corpo do Outro só se pode fazer através de um impulso escópico ou vocal.

Dito de outra maneira, nas fórmulas quânticas da sexuação temos de um lado:



$\mathcal{S}$ e Φ, e do outro lado, S($\mathbb{A}$), $\mathbb{A}$ e a, ou de um lado o gozo fálico e, do outro lado, o gozo não-toda, ou seja, de um lado, Φ que no nível particular pode-se escrever S_1, Φ para dizer a fórmula universal Todo e S_1 para dizer a fórmula particular Algum, porque dizemos do gozo fálico ser ele uma significação, e do outro lado, S($\mathbb{A}$) - o significante que falta no Outro - $\mathbb{A}$ que quer dizer $\mathbb{A}$ Mulher não existe, e o objeto a significa que é puramente lógica a consistência do ser, portanto, três ícones ou três matemas para indicar o gozo que não se escreve ou o gozo não-toda.

Lacan tem um escrito com esse título A *significação do falo*, termo que, em Freud, significa fantasia sexual inconsciente mas-

culina, porque em nossa opinião significação fálica é equivalente a gozo fálico, pois significação é tradução do termo *Bedeutung*, também presente em Frege, cujos tradutores tem feito a exigência de se traduzir pela palavra referente.

A questão fundamental da sexuação reside aí, no fato de que Φ é o referente de um gozo. Assim, há um gozo que tem referente e o sujeito pode nomeá-lo. Por isso é possível encontrar outro significante que o substitua, podendo-se aplicar a fórmula - um significante por outro - e, se quisermos dar outro nome a essa significação, a esse referente, usaríamos a palavra "metafórico" para o gozo fálico. Desse modo, o gozo fálico pode ser substituído, pode ser trocado por outro gozo, já que ele se escreve.

Quanto ao outro lado, não podemos dizer as mesmas coisas. A principal impossibilidade é o fato da *Bedeutung*, o referente é a, distinguir-se completamente do referente fálico, dado que a é um referente que podemos chamá-lo vazio ou "sem consistência material", como prefere Lacan. Em *A lógica da fantasia*[8], ele chega a nomear o objeto a de um referente.

Assim, há um gozo cujo problema é não ter um referente, ou ter como referente o objeto *a*. Quando examinamos a questão da angústia, vemos Kierkegaard acreditar que ela é sem objeto, enquanto Lacan discorda, ela não é sem objeto. Contudo, cremos não estarem eles fundamentalmente em discordância porque o objeto indicado por este como objeto da angústia é um objeto sem referente, o objeto a, um objeto imaterial, um objeto sem consistência material. Por isso, insistamos, a máxima aproximação possível, quando queremos declinar as espécies do objeto *a*, é indicar os objetos da pulsão de Freud.

Logo, gozar do corpo do Outro não é signo do amor porque o significado do amor é Eros, e para Aristófanes significa de dois fazer Um; enquanto, para Lacan, de dois cada um fica Um. Seria preciso que, além do referente do falo, escrito Φ de um lado da fórmula da sexuação, tivéssemos do outro lado da fórmula o referente material do Outro gozo para haver a relação biunívoca dos gozos e assim se obter a união, o Um, o amor.

Isso faria a relação sexual existir. Por isso Lacan propõe essa frase - o gozo do Outro, do corpo do Outro que o simboliza, não é signo do amor. Portanto, quando falamos do gozo do Outro, não se trata de outra pessoa nem do corpo de outra pessoa,

[8] LACAN, J. *Seminário 14: A lógica da fantasia*. 25 de janeiro de 1967. Inédito.

não se trata do gozo do corpo de outra pessoa, mesmo quando se refere ao gozo sexual, pois o que está em jogo é sempre uma questão do gozo do sujeito do inconsciente.

Queremos ir com essa coisa estranha do gozo, antes mesmo de uma posição ética do sujeito do gozo, à questão do chamado gozo virtual, do gozo na Internet, pois, sobretudo aí, não está em questão o corpo de outra pessoa como exemplo da falta de referente, do objeto a. Este não é um bom exemplo do que é uma espécie do objeto a, mas, pelo menos, a Internet prova, quando se trata do gozo, que o sujeito do inconsciente não é o corpo enquanto essa totalidade que nos faz indivíduos.

No gozo, seja qual for, estão em jogo o que Freud chamou de zonas erógenas. Trata-se de uma parte do corpo que é o corpo enquanto objeto do gozo. Assim, gozar do corpo do Outro é gozar de alguma parte do corpo, sempre existencial, singular, nunca toda, universal.

De tal maneira que a fórmula "a relação sexual não existe" entendida como a impossibilidade da biunivocidade dos gozos (pois temos a possibilidade de escrever o gozo fálico, mas não temos a possibilidade de escrever o Outro gozo, ou, de outra maneira, temos o significante do falo [Φ] ou o significante mestre [S_1] para escrever o gozo fálico, mas não temos um significante para escrever o Outro gozo) permite-nos entender perfeitamente, no que diz respeito ao sujeito do inconsciente [$\mathcal{S}$], a que esta fórmula — "não há relação sexual" — nos está remetendo, que não está em jogo o corpo do homem ou da mulher. E, sim, a relação do sujeito do inconsciente [$\mathcal{S}$] com o seu gozo, seja o gozo fálico [Φ] seja o Outro gozo [a].

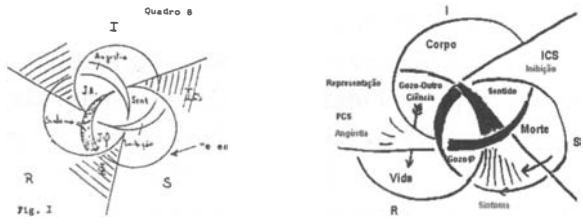
Então, por que aplicamos ao corpo do indivíduo a expressão gozar do corpo do Outro? Seria preciso não perder esta dimensão: o que está em jogo nesta frase é a relação do sujeito do inconsciente com o seu gozo e, neste caso, quem melhor pode nos definir o que é o gozo fálico e o Outro gozo, é o gozo do sintoma.

Há pelo menos dois desenhos da cadeia borromeana, do *RSI*[9] *e de A Terceira,*[10] mostrando a localização do gozo do Outro e do gozo fálico. Na vizinhança do imaginário e do real se localiza o gozo do Outro e, na do real e do simbólico, o gozo fálico. E na vizinhança (chamo vizinhança para não chamar intersecção) do

[9] LACAN, J. Seminário 22: RSI. 17 de dezembro de 1974. *ORNICAR?* 2. Paris: Navarin. 1975. p. 99.

[10] LACAN, J. La troisième. *Lettres de l'École Freudienne.* Nº 16. Novembre 1975. p. 200.

simbólico e do imaginário se localiza o sentido. Logo, podemos nos perguntar se isso quer indicar outro gozo, além do gozo fálico e do gozo do Outro, um gozo do sentido.



E como também se localiza aí no *RSI* uma espécie de invaginação do sintoma entre os dois gozos, o gozo fálico e o gozo do Outro, queria distinguir um gozo do sintoma que, como se sabe, realiza simultaneamente o gozo fálico e o gozo do Outro.

Essa definição do sintoma tomamo-la emprestado a Freud, em seu texto sobre os dois gozos, sobre a bissexualidade,[11] no qual ele apresenta, entre muitas fórmulas, um enunciado sobre o sintoma histérico, considerado por ele como o sintoma mais bem formado porque realiza ao mesmo tempo o gozo fálico e o outro gozo.

[11] FREUD, S. Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade. (1908). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago. 1976. v. IX. p. 168.

E, a partir do gozo do sintoma, podemos chamar de posição ética o direito ao gozo, dado que definimos o sintoma como necessário, como um aparelho utilizado pelo sujeito do inconsciente para dar solidariedade ao nó borromeano.

Deste viés, levantamos a questão do direito ao gozo como uma posição ética, pois, no caso em que uma enxaqueca se declara após um pai moribundo informar a uma filha que ela é bastarda, a enxaqueca torna-se para o sujeito um modo de filiação, de inclusão de seu nome em uma família, pois, nesta família, todas as mulheres têm enxaqueca e, por um silogismo hipotético (todas as mulheres desta família têm enxaqueca; eu tenho enxaqueca; logo, sou membro desta família); portanto, não podemos censurá-la pelo fato de que encontra esse recurso para fazer sua inscrição. Então, não há aí nenhum utilitarismo do sujeito, mas um usufruto do sintoma para fazer sua nomeação, seu registro em uma família.

A ética do sujeito seria a passagem do gozo do Outro ao gozo fálico, ou há ética no gozo do Outro? Se seguirmos a fórmu-

la de *Radiofonia*[12] *- é preciso passar o gozo ao inconsciente* — deveríamos perceber que fazer o gozo passar ao inconsciente é nomeá-lo, dizê-lo com o significante, porque o gozo fálico pode-se dizer, pode-se escrever seu referente.

[12] LACAN, J. Radiofonia. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003. p. 418.

Há dimensões imaginárias do gozo fálico, aquelas aplicadas ao amor, ao poder, à riqueza etc., mas, para nós, o importante em termos de oposição entre o gozo fálico e o gozo não-fálico é o fato de o primeiro poder se nomear e o outro não, um ter referente e o outro não. O gozo fálico é o que pode se escrever. Para escrever, precisamos de letras e para escrever o gozo fálico nós a temos; mas não a temos para dizer e escrever o outro gozo, a não ser o símbolo do conjunto vazio — de Cantor, ou o matema do objeto a de Lacan.

Então, o gozo fálico é o gozo que pode ser nomeado, que pode ser analisado, que pode ser interpretado, e só pode ser interpretado aquilo que admite ser trocado por outro significante, que admite ser substituído, por isso insisto em dizer que o gozo fálico é metafórico.

Posso substituir Booz por feixe sendo uma referência à virilidade no poema de Victor Hugo[13]. É isso o gozo fálico. À pergunta, se a ética do sujeito implica em passar de um gozo impossível de nomear a um gozo possível de nomear, responderíamos ser essa a forma mais ou menos clássica de se pensar. Mas acreditamos que o sujeito do inconsciente se sustenta nos dois gozos, isto é, se suporta também no gozo não nomeável, ao qual podemos chamar de real.

[13] LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998. p. 511.

E, para dizer mais alguma coisa sobre o gozo fálico, ele se situa no universo simbólico, ele é simbólico, isto é, pode ser escrito com um significante. Por isso, a ética do gozo não é exclusiva do gozo fálico.

Há sintomas bem construídos, são completos, e há outros que não o são. Por exemplo, a fobia é uma formação substitutiva, metafórica, mas incompleta. Ela carece de se formar melhor. A obsessão é uma formação reativa, também incompleta. A histeria, o sintoma histérico é uma formação de compromisso ou sintomática mais desenvolvida por realizar ao mesmo tempo o gozo que é simbólico e o gozo que é real.

Então, o que é o gozo fálico? Tudo isso que dissemos acerca do gozo que se pode nomear. E falamos do gozo para provar

que a tese de Freud não é filosófica, mas psicanalítica, e foi por isso que, epistemologicamente, a psicanálise pôde se firmar como uma disciplina, porque ele apresentou algo novo: a nomeação destes dois gozos, os quais são tratados em uma fórmula quântica da questão do homem e da mulher, não no sentido indicado pelo termo indivíduo, quer dizer do corpo do homem e da mulher como um todo, mas no sentido do corpo do sujeito do inconsciente, que, aliás, é a hipótese de Lacan.[14]

[14] LACAN, J. *Seminário 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982. p. 194.

Portanto, quando falamos de homem e mulher, ou quando falamos de gozo do corpo do Outro não nos referimos ao corpo biológico, mas ao corpo no sentido do objeto a e ao Outro no sentido de inconsciente. O assunto do sujeito é o corpo e o Outro é, não exatamente, a individualidade.

E, ao vermos a finalidade da análise como a redução do gozo do sintoma, entendemos ser preciso levar o paciente o máximo possível a falar desse gozo que não se pode dizer, a transformá-lo em gozo dizível, em gozo interpretável, gozo fálico.

O problema do sintoma situa-se em sua parte real, indizível, não é sua parte interpretável, que fez a psicanálise conhecer sua idade de ouro, quando a interpretação, inclusive a do complexo de Édipo, funcionava. E cada vez mais o sujeito do inconsciente foi oferecendo resistência a essa analisabilidade até o ponto de se perceber que restava algo inanalisável no sintoma.

Então, o problema da economia do gozo, que enunciamos dessa forma – é preciso esvaziar o gozo do sintoma – seria passar o gozo ao inconsciente, isto é, fazê-lo passar do real ao simbólico. Mas que gozo é preciso passar ao inconsciente? O gozo real. Mas que gozo é real? O gozo do Outro. Essa é a finalidade da análise. É a ética da psicanálise.

Preferimos definir a ética da psicanálise como não ceder de seu gozo, em vez de lançar mão do conhecido enunciado: não ceder de seu desejo.

E aqui se coloca o problema da perversão, da pedofilia, do incesto, do sadismo e outros. O gozo perverso talvez seja também um gozo que não se possa nomear. Partimos da fórmula do seminário da ética, como dissemos há pouco, não ceder de seu desejo, para chegar à chamada ética do gozo, assim denominada por nós e, cujo enunciado seria não ceder de seu gozo.

Perseguimos o sentido psicanalítico dos termos amor, de-

sejo e gozo. Por isso, há pouco dizíamos não ser com o indivíduo e o ambiente o nosso negócio, nosso assunto não trata da pessoa e da realidade, mas da relação entre o sujeito e o real.

referências bibliográficas

CARROLL, L. *Uma história embrulhada*. São Paulo: Papirus. 1992.

FREUD, S. Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade. (1908). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago.1976. v.IX.

FREUD, S. Psicologia de grupo e a análise do ego. (1921). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago. 1976. v. XVIII.

LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998.

LACAN, J. La troisième. *Lettres de l´École Freudienne*. Nº 16. Novembre 1975.

LACAN, J. Le moment de conclure. *ORNICAR?* 19. Paris: Navarin. 1979.

LACAN, J. Radiofonia. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003.

LACAN, J. *Seminário 14: A lógica da fantasia*. Inédito.

LACAN, J. *Seminário 15: O ato psicanalítico*. Inédito.

LACAN, J. *Seminário 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. Seminário 22: RSI. *ORNICAR?* 2. Paris: Navarin. 1975.

LACAN, J. *Seminário 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

resumo

Amor, desejo e gozo são termos que comparecem com freqüência na literatura psicanalítica. Tentamos, neste artigo, explorar ao máximo nossa opinião acerca desses termos.

palavras chaves

Amor, desejo, gozo, corpo, Outro

abstract

Love, desire and enjoyment are concepts that often appear in the psychoanalytical literature. In this article, I try to explore in depth my views on these concepts.

key words

Love, desire, enjoyment, body, Other

recebido

15/01/2007

aprovado

19/05/2007